



Tatuagens que curam e ressignificam: o corpo como tela da existência

Ismael Higor Cardoso Duarte¹

Rebeca de Souza Vieira²

Resumo

A sociedade ocidental contemporânea manifesta um certo grau de dificuldade para a formação da identidade dos indivíduos. Entre eles, os níveis exagerados de consumo e a preocupação com o corpo traz consigo sentimentos de desconexão e inadequação com a realidade material deste, transformando-o em mais um bem de consumo. Se essas questões afetam a sociedade como um todo, o problema aumenta no caso de indivíduos que lidam com traumas; Como por exemplo, depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, problemas de saúde em geral e problemas em recuperar a autoestima e a própria identidade. Nesse contexto, a tatuagem aparece como uma alternativa para diversas vítimas, possibilitando que o indivíduo obtenha uma identidade ancorada em si mesmo, e não no evento traumático. Conciliando uma identidade do eu antes, durante e após o trauma em questão, condensando esses elementos em uma entidade única. Assim, a tatuagem permite que o indivíduo construa uma identidade proposital, partindo não apenas do que é como também do que deseja alcançar. Ao mesmo tempo em que a capacidade de exposição tem seu valor, tatuagens também exercem um valor terapêutico na sua aptidão de esconder marcas e sentimentos. Por exemplo, a maquiagem permanente que pode redesenhar sobrancelhas perdidas na quimioterapia. Nesses casos, a tatuagem permite que a identidade da pessoa não seja imediatamente associada a uma marca, a uma cicatriz – aquilo deixa de ser a primeira coisa a ser notada nela –. Vemos, nesse sentido, que tanto ao esconder quanto ao mostrarmos traumas e cicatrizes, a tatuagem é usada como um modo de questionar o conceito de corpo ideal. Ao ter a opção de como lidar com a cicatriz, o indivíduo tem o poder de decidir de qual forma sente que seu corpo parece normal para ele. Sendo assim, a pesquisa propõe o seguinte questionamento: de que modo a tatuagem pode surgir como uma alternativa para ressignificar traumas, seja uma cicatriz ou uma marca emocional, oferecendo a possibilidade de reconstrução de uma auto-identidade?. Para cumprir os objetivos inicialmente proposto será realizado o procedimento de revisão bibliográfica acerca das teorias socioantropológicas do corpo, assim como da prática da tatuagem, com posterior leitura e delimitação do referencial teórico e epistemológico, com uma abordagem qualitativa, se valendo do método indutivo, analisando vários casos específicos no intuito de corresponder ao estudo proposto pelo problema da pesquisa.

Palavras-chave: Corpo e trauma, tatuagem, ressignificação do eu

¹ Mestrando em Antropologia Social/UFSC. E-mail: ismael.duarte@pucpr.edu.br.

² Mestranda em Antropologia Social/UFSC. E-mail: rebecavieira96@gmail.com.

Introdução

Nas ruas da cidade é impossível não se deparar com corpos tatuados, a prática vista anteriormente como símbolo de degeneração, marca de desvio e estigma, tem atraído nas últimas décadas adeptos de todas as classes, idades e gêneros. Até os anos de 1980, a prática de marcar a pele estava relacionada aos grupos marginalizados como os punks, os skins, os hippies, os roqueiros, os ciganos e outros, que adotaram a tatuagem como uma das formas de contrapor-se à normalidade. Em meados de 1990, a tatuagem deixa a clandestinidade e passa a ser inserida em novos contextos sociais, valorizando a prática e fazendo com que muitos dos seus aspectos fossem reconfigurados, como por exemplo: a profissionalização, higienização, regulamentação, melhoramento das técnicas, a qualidade artística e principalmente nas novas formas de compreender o corpo como obra-prima na construção do sujeito, elevando a tatuagem para o status dos dias atuais (Le Breton 2013).

Diante do que Le Breton (2013) discorre, a tatuagem assume um local diferente dos das marcas tradicionais que visavam registrar ligações com os antepassados, hoje as marcas tem como finalidade criar um campo de individualizações e ligados às construções de um corpo estético, mas todos com o objetivo de fomentar individualizações, subjetividades e singularizações. Para o autor a tatuagem seria uma forma de registro sobre os momentos e mediação entre as diversas dinâmicas entre o ser e o está dentro e sobre o próprio corpo, assim, criando sobre a sua pele um local de registro e diferenciação dos demais indivíduos.

Assim, a tatuagem surge como uma das muitas opções de sobrevalorizar o corpo do indivíduo e afirmar sua presença para si e para os outros. Como um modo de objetificar traços da nossa subjetividade, reafirmar a identidade, contar nossas histórias, relações amorosas e amizades, o “que antes habitava na memória ou em determinados objetos externos ao corpo, agora é incrustada na pele” (Pires 2005: 89). O questionamento do estudo gira em torno de como a tatuagem pode ser uma estratégia para a superação de traumas e reconstrução da identidade. Desse modo, o objetivo geral é investigar como se dá a construção do corpo por meio de sujeitos que utilizam a tatuagem como estratégia para ressignificar suas marcas decorrentes de traumas, e identificar como a tatuagem pode reorganizar eventos e sentimentos caóticos. Assim, a etnografia será o método para a investigação, ponderada por uma abordagem qualitativa e procedimentos de revisão bibliográfica e entrevistas, para compreender as

dimensões da construção do corpo dos sobreviventes que reaprendem a lidar com o próprio corpo.

A pesquisa teve início a partir de uma revisão bibliográfica acerca das teorias socioantropológicas do corpo, da prática da tatuagem, a partir de uma abordagem qualitativa, tendo em vista o método etnográfico, que se apoiará em entrevistas, assim, questionamentos começaram a fazer parte deste percurso, principalmente no que se refere ao uso da tatuagem como um processo de cura com fins de dar um novo sentido para as marcas corporais indesejáveis e, desse modo, apontando para a importância da tessitura do laço com a vida, lançando o corpo em uma experiência mais complexa do que apenas marcar a pele.

Nas frequentes visitas ao campo, percebi que, mais do que um embelezamento corporal, as tatuagens podem atuar como dispositivos que reconfiguram corpos. Já na fase do trabalho de campo faremos entrevistas dentro de um coletivo de tatuadores na cidade de Curitiba que se reúnem de forma voluntária.

Entrada no campo

O primeiro contato com os tatuadores ocorreu em uma loja de equipamentos de tatuagem localizada no centro de Curitiba-PR. No local, um pequeno grupo discutia sobre as transformações que ocorreram nos últimos anos, como por exemplo, as novas técnicas, a profissionalização dos estúdios, a qualidade das máquinas, e principalmente, sobre o comportamento dos tatuadores em relação aos clientes. Durante a conversa chamou a atenção a descrição de um tatuador sobre a mudança no modo como os novos tatuadores compreendem a prática da tatuagem e sobretudo no aspecto artístico. Assim, surgem questionamentos sobre esse novo status da tatuagem, em que ela deixa de ser apenas uma marca na pele para ser compreendida entre os tatuadores como uma expressão artística.

Com tais inquietações, começou a aproximação mais latente como o campo, o Ismael Higor marcou uma tatuagem, após a escolha do estúdio, o próximo passo era escolher o tatuador a partir dos trabalhos que estavam nos portfólios e que tinham a ver como o estilo pessoal do Ismael, este processo não foi tão rápido, demorou algumas horas, até que o trabalho no estilo blackwork que utiliza apenas tinta preta do tatuador Rodrigo Gnani foi escolhido. Este primeiro contato deu origem ao trabalho de conclusão da pós-graduação em antropologia cultural na

PUC/PR.

No mestrado a pesquisa continuou, agora, em parceria com Rebeca, a partir das inquietações e das partilhas, começamos um diálogo sobre o tema, tanto que elaboramos um podcast entrevistando o Rodrigo Gnani, para o trabalho de conclusão de uma disciplina, semanas depois pensamos no presente trabalho. Como estamos no contexto de pandemia, estamos fazendo algumas entrevistas pessoalmente e outras através do *google meet*.

Tatuagens e identidades

De acordo com Le Breton (2013: 30), “ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar de vida, modificar seu sentimento de identidade”, ou seja, há uma busca em se encontrar e se redefinir no processo. Durante a sessão de tatuagem, enquanto a agulha perfura o corpo, muitas emoções se manifestam produzindo um ótimo lugar para estar atento à situação do corpo no mundo (Csordas 2008), uma vez que o ato de ser tatuado é um produtor de intensas sensações físicas, psicológicas, sentidos e percepções, sendo compreendida também como uma opção terapêutica. Essa mudança alcançada por meio da tatuagem, faz do corpo um “solo existencial do sujeito e da cultura” (Steil 2008: 11). Seria a partir das experiências vividas no/com o corpo, que a mudança aconteceria, resultando em novas formas de ser e estar no mundo.

O corpo segundo Le Breton (2004), assume um papel de matéria-prima que pode ser moldado diante do ambiente que se encontra, sendo um local onde o indivíduo se coloca em cena, criando no corpo um local de mudanças (*Ibidem* 2004). Assim, não há mais limitações sobre o corpo e suas projeções, já que podem ser modificadas de diversas formas por quem o habita, fazendo do corpo um ambiente dinâmico, com possibilidades de ressignificações para uma maior aproximação com o eu que é possuidor do corpo. Para o autor supracitado, a tatuagem é uma forma de conseguir a mudança desejada (*Ibidem* 2004).

Ela vem sendo aprimorada ao longo dos anos, passando de marcas que localizavam escravos, povos, marinheiros, combatentes de guerras, grupos como os punks e outros, até que alcançou uma repercussão estética e que hoje é vista como algo além (Perez 2006), é uma forma de expressão, modificação, consolidação e reinterpretção do próprio ser. Assim, a marca

corporal serve como um delimitador, diante de uma vasta dimensão do mundo e das formações sobre a identidade (Le Breton 2004).

O corpo assume uma posição de registro e ornamentação pessoal, abraçando as memórias, eventos marcantes e relevantes (Le Breton 2004). Segundo Sarnecki (2001), alguns acontecimentos às vezes não são processados de forma consciente, por conta de sua velocidade, mas quando registrados, as memórias que não foram compreendidas durante a experiência, serão encaradas e, assim, possibilita que os indivíduos entendam o que ocorreu e a partir disso, possam marcar seus corpos dando sentido ao que viveu. Transformando um evento inconsciente, em uma manifestação consciente e de certa forma criando uma apropriação do eventos e de seus desfechos.

Nesse sentido Le Breton (2004), traz que a tatuagem é uma maneira de mediar à transição dos acontecimentos, de prender os símbolos e criar um ritual para esse momento de mudança, assim, cada marca se torna única, uma forma do indivíduo se diferenciar da maioria, por meio de seus registros singulares, mas mantendo sua individualidade no meio da sociedade, diferente das sociedades tradicionais que usavam os símbolos corporais para criar uma identidade coletiva.

A tatuagem assume um local de registro para diversos acontecimentos ao longo da vida, o corpo assimila a condição de arquivo e ao mesmo tempo local de decoração (*Ibidem* 2004), assim, memória da existência, que não serão perdidas, por conta das marcas que modificam o corpo a partir de seus traços e das significações que dão a eles.

Entendo as individualidades de cada ser, e sabendo que mesmo dentro da sociedade cada experiência de vida é diferente e se expõe a movimentos diversos, tanto por eventos positivos, quanto negativos, logo as transições e mudanças geram respostas e assimilações diversas. Assim, o indivíduo busca a sua própria identidade (*Ibidem* 2004), trazendo a partir dos seus registros corporais se afastar do local social comum e habitar dentro da sua imagem, assim, afirmando ou adquirindo a sua liberdade.

Desse modo o corpo e seus sentidos vão sendo construído ao longo da vida de cada pessoa, este vai sofrendo alterações, sendo ampliado e ressignificado, neste sentido este movimento se dá por conta de um corpo inacabado e com imperfeições que vão contar com o

esforço do seu titular para ser construído, completado e apropriado (*Ibidem* 2004), esforço este que perdura por toda a vida. Seguindo este pensamento (*Ibidem* 2004) o indivíduo assume à soberania sobre o seu corpo, que personifica o sujeito e sua materialidade, sendo assim, criando à sua própria marca através do seu corpo, que é sua ligação primária com o mundo, ou seja, sua própria existência de forma concreta interagindo com o meio, criando um local no mundo onde os corpos coexistem, mas cada qual com suas diferenças, que são demarcadas pela experiência corporal de cada indivíduos.

As divergências entre tatuagens comerciais e artísticas

Nem toda a tatuagem é identificada como arte. De acordo com Pereira (2016: 103) existem “juízos artísticos e estéticos envolvidos para que a marca seja considerada arte”, visto que “o campo da arte é marcado por jogos de inclusão e exclusão, por sua natureza hierarquizante e hierarquizada, em que a arte cria diferenças”. Isso fez surgir uma questão: quais os aspectos que operam nessa hierarquização que faz com que algumas tatuagens sejam reconhecidas como arte enquanto outras, não?

Durante o processo de criação, os tatuadores tendem a classificar o tipo de tatuagem entre comercial e artística, como uma forma de valorizar o aspecto artístico dela, servindo como uma tática para incluir a tatuagem dentro do discurso da validação no campo da arte.

A tatuagem comercial – normalmente baseada na reprodução de desenhos que estão na moda – é vista entre os tatuadores como “vazia” e “sem significado”, no qual não há um processo criativo na produção do desenho, já que se trata de uma cópia. Já a tatuagem artística procura revelar sentidos e significados, algo único e distinto, em que o desenho é pensado de forma exclusiva para cada sujeito a partir de um significado exteriorizado. Aqui, percebe-se que entre os tatuadores “a definição do desenho não é algo trivial [...] mas é de fato a busca de 'algo' com o qual a pessoa se identifique e, nessa medida, adquira o valor de ser inscrito e eternizado no corpo.” (Pérez 2006: 185).

É importante frisar que, embora muitos tatuadores julguem a tatuagem comercial como algo desprovido de significado, esse não é um sentimento compartilhado pela pessoa que carrega na sua pele uma tatuagem classificada como tal. Segundo Perez (2006), há sempre no sujeito um sentimento de obrigatoriedade em construir um “conjunto de associações – uma

história – para tentar explicar e/ou justificar o sentido da imagem escolhida, ela sabe que gosta de sua tatuagem [...] mas isso não é suficiente, pois também necessita inseri-la em seu universo de significação”. Entre os tatuadores entrevistados, a hierarquização é muito perceptível, já que existe uma resistência aos trabalhos em que a originalidade e a inovação não são valorizadas: “felizmente eu não trabalho com cópias, particularmente é algo que me incomoda” (Gnani, tatuador).

Na cópia o processo hierarquizante também determina a diferença no modo como o tatuador e o sujeito se relacionam. Na tatuagem artística há um processo de interação entre o sentimento do sujeito e a colaboração do tatuador ao traduzir esses sentimentos em imagens, atuando como um “mediador do *self*” (Perez 2006: 199): “gosto muito de saber a história por trás de cada trabalho e a importância dele. Tudo isso me ajuda a dar vida e eternizar essa expressividade na pele” (Gnani), mas a tradução não é um processo neutro, está imbricado na relação com as emoções do próprio tatuador.

Mediação e posse

Percebe-se que, para os nossos interlocutores, as tatuagens artísticas deixam transparecer as emoções do tatuador, não apenas as experiências emotivas, mas também as físicas, que estão imbricadas na experiência corporal, misturando sentimentos e sensações. Há um engajamento corporal por parte do tatuador durante o processo de criação que reflete durante toda a produção do seu trabalho.

Os tatuadores que foram entrevistados, afirmam que toda vez que começam uma nova tatuagem, uma corrente de sensações começa a fluir dentro deles, enquanto a agulha perfura o corpo, inúmeras emoções se manifestam. Assim, é possível pensar o papel deles como mediadores e atores dentro do processo. Sarnecki (2001) traz que alguns tatuadores se sentem no local de mediadores e xamãs, ou seja, se articulam entre as emoções, dores e percepções do cliente e a arte.

Com o objetivo de observar e descrever as atribuições de percepções e sentidos durante o ato de tatuar dos tatuadores, começou o acompanhamento com o Gnani em cada seção. Embora a atenção esteja voltada para o momento de prática corporal que ocorre no estúdio, ele afirma que nem sempre as percepções e os sentidos começam no ato em si, mas variam muito:

“eu tenho essas percepções corpóreas enquanto converso pessoalmente com o cliente”. Reforçando a ideia de que, durante o processo de criação, há um engajamento corporal. O corpo, especialmente a mão, não apenas como um instrumento de trabalho, mas um local que revela muitas percepções sobre o próprio corpo e o corpo do outro.

O André no papel de mediador tenta colocar mais as diretrizes de seus clientes, mas não deixando de expor suas marcas em cada trabalho, principalmente a fluidez das linhas “Eu estou buscando trazer mais a ideia da pessoa do que realmente ter minha ideia” (André, tatuador). Há, no entanto, uma busca constante por algo que atribua um caráter artístico em seus trabalhos, uma “tentativa de apresentá-la como meio de expressão estética potencialmente inovadora, produtora de desenhos originais e criativos, e não apenas como reprodutora de exemplares iconográficos previamente instituídos, de valor estético limitado” (Ferreira 2006: 546). Principalmente, porque uma tatuagem única e inovadora não distingue apenas o indivíduo que a traz no corpo, distingue também quem a tatuou.

Cada tatuador se coloca em posição de mediador, cada qual ao seu estilo e a sua sensibilidade com os sentidos empregados sobre os seus trabalhos, seus clientes e suas próprias emoções. Ao compreender que as percepções corpóreas surgem antes mesmo da execução da tatuagem, ficou perceptível que há uma preparação corporal por parte do tatuador para desenvolver cada um dos trabalhos.



Figura 1 Tatuagem Edgar Alan Poe
Fonte: Instagram (2020).

Para o tatuador, Gnani existem dois momentos fundamentais em sua preparação. O primeiro, por meio da utilização da maconha, momento que ocorre em sua casa ou durante o caminho para o estúdio. A maconha exerce a função de conexão consigo mesmo, serve para abrir sua criatividade, relaxar seu corpo, e prepará-lo para mergulhar em um mundo das sensações que estão por vir. O segundo momento, ocorre no estúdio, por meio da imposição das mãos no local do corpo que está prestes a ser tatuado, como modo de se conectar e sentir o corpo do outro. A relação entre suas mãos e o corpo do cliente é indexadora, no contato, eles se indexam um ao outro, tornando seu corpo confluyente com o do cliente, se transformando em uma unidade.

Já o André se reconhece como parte de cada projeto: “sinto o meu eu em cada trabalho,

nas linhas fluídas, nas áreas carregadas de preto, nos pequenos detalhes em cor”. É uma forma de expressar aquilo que ainda não reconhece em si mesmo, mas que aponta para o “imperfeito e obscuro, fluído e distorcido”. Como algo que reflete num espelho trincado ou como tinta espessa que flutua sob a água e cria formas inomináveis a cada movimento”. Seus projetos são uma eterna busca que irão “precisar de muito mais linhas tortas antes que seja terminada”.

Eu tenho sentimentos básicos para conseguir tatuar. Eu falo que meu trabalho é muito melancólico, eu já tive amigos que falaram “cara é verdade”. Quando eu falo no meu trabalho eu sinto que é um trabalho triste visualmente falando, para mim quando tenho que representar coisas muito felizes, como família é muito difícil. No meu trabalho o sentimento básico é a melancolia, é uma coisa mais triste. Não é um trabalho alegre, são linhas pesadas. (André, tatuador)



Figura 2 Tatuagem Urso
Fonte: Instagram, 2019

André considera o projeto Urso como o trabalho mais difícil que já fez, “não de complexidade, mas de conseguir pensar”, foi o primeiro trabalho no qual buscou representar mais do que uma ideia, mas também um sentimento. Sua ideia principal era representar o medo de diferentes formas, “o medo sobre algo real, físico, o medo que habita nosso imaginário, facilmente distorcido por preocupações, paranoias e ansiedade, e por fim o medo que sentimos, sensações abstratas ou de difícil descrição que nos fazem recuar ou nos impede de prosseguir”. Trazer o medo próximo, marcando-o na pele, “expressa que já não o considera algo muito

maior, mas uma situação que proporcionou contemplação e evolução”. Abraçar o medo é tratá-lo como parte do processo que constrói o ser.

Tatuagens artísticas deixam transparecer as emoções do tatuador, não apenas as experiências emotivas, mas também as físicas, que estão imbricadas na experiência corporal, misturando sentimentos e sensações. Há um engajamento corporal por parte do tatuador durante o processo de criação que reflete durante toda a produção do seu trabalho.

Traumas e alternativas para superação

Ao olhar para o corpo marcado por alguma situação traumática, o sujeito pode reviver, com dor e sofrimento, todo o processo que o fez ganhar essas chagas a um só tempo, sendo corporais e psíquicas. Alguns episódios vividos caracterizam uma situação de grande intensidade, com um afluxo tamanho de excitações que se torna maior do que a capacidade que o sujeito possui para lidar com eles (Filho; Santos 2006: 123). Sendo assim, cicatrizes podem representar bem mais do que marcas deixadas no corpo, afetando o modo como o sujeito sente o mundo.

Cobrir com um desenho ou mensagem da escolha da pessoa pode dar novo significado àquelas marcas, possibilitando ao sujeito ser produtor de uma outra experiência, de um outro entendimento de vida para si, criando uma outra maneira de ser e estar no mundo.

Otte (2007) entrevistou pessoas que estavam retornando à Nova Orleans após a passagem do furacão Katrina. Um dos entrevistados relatou que a experiência de lidar com o trauma tinha que ser “performada” de maneira corporal para ser efetiva. Outros apontaram para uma desarmonia entre os sentidos; em seus relatos, o corpo não tinha acompanhado a mudança que havia ocorrido em seus corações e mentes.

A dissociação que ocorre após o evento traumático, segundo Sarnecki (2001) é por conta do rompimento da consciência e da velocidade dos acontecimentos, que faz com que crie um estágio de ansiedade, que move o sujeito a repetir a situação traumática na tentativa de ter controle sobre esse processo, ou seja, as pessoas que passam por eventos dolorosos, tentam criar situações para tornar o inconsciente em um evento consciente, tendo assim, um certo tipo de domínio, seja sobre o fato ou sobre as memórias que ele gerou. Sarnecki (2001) diz que à criação de histórias para gerar curar sobre tais eventos, seria chamado de “luto criativo”, desvinculando

a dor e trazendo um status de sobrevivência e dissipação da zona cinzenta causada pelo trauma, seguindo essa lógica o autor traz que em certos casos a marcar para encarnar o trauma é feita no mesmo local onde ocorreu a dor, trazendo de novamente a imagem da apropriação do evento a partir da repetição.

Maxwell (2017) discorre sobre como, em suas entrevistas, mulheres tatuadas relatam que a tatuagem serviu como uma forma de encerrar um capítulo, de colocar o trauma em um ponto de sua história e deixar de vivê-lo constantemente. Considerando que um dos efeitos do trauma é a repetição das situações, existe um poder terapêutico em conseguir, definir esse encerramento e mudança de perspectiva, pois, embora a tatuagem carregue consigo um importante elemento de permanência, o corpo tatuado ainda é capaz de uma certa maleabilidade simbólica, permitindo uma reinterpretação constante possibilitando que o indivíduo ressignifique seu trauma, e portanto crie uma narração do corpo, sobre o corpo (Oksanen & Turtainen 2005). Assim, a tatuagem pode ser uma forma de reorganizar eventos e sentimentos caóticos de forma ordenada, em uma ordem particular e subjetiva.

Tatuagens e a ressignificação do Eu

O corpo é um ponto de localização no mundo e na teia social, a partir dele as modificações podem ocorrer tanto para inclusão, como para exclusão, Le Breton (2004), traz que o conflito entre sentidos e valores dificulta as relações, visto que cada sujeito ao descobrir seus próprios traços acaba por temer ao limites de identidade postos pelo mundo, mas para encontrar suas marcas subjetivas ele deve enfrentar e se distanciar deles limites posto, afirmando a sua liberdade, criando os seus próprios limites, historias, marcos e representações, o corpo assume um local de domínio e poder, que pode ser transformado a partir da vivência de cada indivíduos consigo e com o mundo, não mais o mundo ditando as regras sobre ele, mas o domínio da ação e da apresentação dele agora está posto sobre seu possuidor, se o evento traumático retira do sujeito esse poder, a tatuagem assume o meio pelo qual o indivíduos irá retomar o seu nato poder sobre si.

O corpo neste papel deixa de ser um simples matéria irreduzível (*Ibidem* 2004), mas um local de transformação que acompanha quem o possui, local que é transitório e que pode a todo momento sofrer alterações e ressignificações, assim, um ambiente de metamorfoses a partir de

uma quebra dos padrões sociais, mas ligados aos anseios pessoais de quem está no controle do processo, de quem está se transformando em algo novo e de ser matéria prima de si.

As tatuagens já vêm servindo a algum tempo como instrumento para criação de identidades e familiarização com grupos ou diferenciações, assim sendo, um meio de modificação que pode atender às projeções de cada pessoa, e servir como aporte para trazer o domínio sobre o corpo e sobre a imagem que se tem de si.

Algumas pessoas que estão inseridas em contextos que envolvem estúdios de tatuagens, vem se apropriando dessa ferramenta para superação de traumas e enfrentamentos de certos tipos de dores, transtornos psíquicos, tratamentos e terapias. Diante de algumas procuras particulares por esses métodos com este intuito alguns profissionais sensíveis a temática vem criando projetos voltados ao uso dos seus trabalhos artísticos para atender a este caminho que se abriu através das tatuagens.

Como exemplo temos o projeto Florescer, que já tem mais de oito anos na ativa, o fomento começou a partir da Simone, que era uma cliente que tinha feito o processo de mastectomia e tinha retirado uma parte da mama, por conta disso ela procurou o trabalho do Rodrigo Catuaba³, para que fosse reconstruído o seu mamilo e que as cicatrizes fossem cobertas, assim, por conta do trabalho e da conversa que ele teve com ela sobre o câncer de mama, surgiu a ideia do projeto que é feito de forma gratuita, o trabalho na Simone foi cobrado, mas com a implementação do Florescer os trabalhos se tornaram livres de custos.

Sabemos que os custos de uma tatuagem em regra são caros, tanto pela qualidade dos materiais, os tipos dos equipamentos, o grau de dificuldade, o trabalho do tatuador e demais fatores, mas podemos criar uma categoria chamada de tatuagens sociais, que são trabalhos sem custos para o cliente e que geram de alguma forma um benefício social, mesmo que através da manutenção de vida de um indivíduo específicos, mas que em larga escala abarca um grupo de pessoas vulneráveis de alguma forma tanto econômico quanto outros aspectos, como é o caso

³ @rodrigocatuaba

do projeto Floresce, que atendem um grupo específico de mulheres que passaram pelo processo do câncer de mama.

Rodrigo Catuaba começou a fazer a divulgação de forma independente, levou a foto do trabalho feito na Simone até a AMA (Associação das Mulheres Mastectomizadas) para apresentar o projeto, que vem tendo aderência desde então, tanto que os médicos que fazem os procedimentos recomendam às mulheres ao projeto, o atendimento ocorre todas às segundas-feiras das 09:00h até às 12:00h. Hoje o projeto conta com o Rodrigo Catuaba e mais dois tatuadores o Marcos Carpi⁴ e Diego Belmiro⁵, que se juntaram tanto por conta da afinidade e para agilizar os atendimentos, o Marcos e o Diego ficam encarregados de tatuarem as cicatrizes e o Rodrigo em reconstruir os mamilos das mulheres.

Além deste projeto, existe outro que se chama *The Semicolon Tattoo Project* (Projeto de tatuagem ponto e vírgula) que fica nos Estados Unidos da América, o projeto começou em 2013 através das redes sociais. Teve início com Amy Bleuel, que usou a tatuagem como meio de marcar em seu corpo o sinal do ponto e vírgula após o suicídio do seu pai; o projeto iniciou com o intuito de mostrar às pessoas que elas não estão passando por seus temores e dificuldades sozinhos.

O projeto tem um foco em trabalhar com pessoas que lidam ou possuem tendência à depressão, ao suicídio ou doenças similares. A ideia inicial era que as pessoas tatuassem o ponto e vírgula e compartilhassem suas histórias nas redes; o símbolo é utilizado por conta do seu significado gramatical, uma vez que o ponto é utilizado para encerrar uma sentença no texto, mas utiliza o símbolo com a vírgula para continuar a sentença no mesmo parágrafo.

Para a idealizadora do projeto, o símbolo significa que a pessoa é o autor de sua vida e que decidiu continuar a escrevê-la. O projeto tem alcançado muitas pessoas, que começaram a compartilhar suas histórias, ajudando outras a seguirem e a se envolverem com a arte.

⁴ @ marcscarpi_

⁵ @diegobelmirotattoo

Conclusões

As tatuagens como apresentado no texto não fazem somente parte de uma construção ou identificação com um grupo, mas possibilitam a criação de identidades individuais, onde cada indivíduo pode se diferenciar do seu grupo e registrar em sua pele marcas que ultrapassam a cena estética, como por exemplo a superação de traumas ou o lidar com eles. Os traumas e as dores tendem a criar uma quebra de consciência nas pessoas por conta do choque que é causado durante a experiência, que muitas vezes faz com que este perca o controle de suas emoções, percepções e até memórias, como apresentado na pesquisa à tatuagem pode ser o meio pelo qual os indivíduos recuperam o controle, podem usar as marcas para superar traumas, como registro e superação de períodos de dificuldade.

Dois projetos que trabalham com a tatuagem no processo de superação de traumas foram apresentados; o projeto Florescer que possibilita a reconstrução dos mamilos e cobertura das cicatrizes em mulheres que enfrentaram a cirurgia de mastectomia por conta do câncer de mama, e agora podem recuperar a autoestima, o domínio de suas narrativas, sobre o seu corpo e carregam através da tatuagem uma marca de resistência e de vida sobre a doença enfrentada.

Já o projeto Ponto e Vírgula, lida com o compartilhamento de histórias escritas por sobreviventes e por pessoas que estão enfrentando traumas e transtorno psicológico, mas que decidiram seguir suas vidas e cooperar com outras tantas que estão passando por situações parecidas, criando uma rede de apoio e quebrando a solidão dos processo traumáticos e abrindo caminhos para a arte, uma vez, que as tatuagens abrem caminhos não só para as marcas corporais. Assim, os projetos cruzam a arte/tatuagem com a sobrevivência e suas alternativas nos enfrentamentos de eventos traumatizantes e dolorosos.

Referências

- CSORDAS, Thomas. 2008. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- LE BRETON, David. 2013. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LE BRETON, David. 2004. *Sinais de identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis.
- MAXWELL, December Renee. 2017. *Phoenix Ink: Psychodynamic Motivations for Tattoo Attainment by Survivors of Trauma*. Dissertação de mestrado. Curso de Serviço Social, University Of Arkansas, Fayetteville.

OKSANEN, Atte & TURTIAINEN, Jussi. 2005. “A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society”. *Auto/biography*, 13(2): 111-130.

OTTE, Marline. 2007. “The Mourning After: Languages of Loss and Grief in Post-Katrina New Orleans”. *Journal Of American History*, 94(3): 828-836.

PÉREZ, Andrea. 2006. “A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade”. *Mana*, 12(1): 179-206.

SANTOS FILHO, Francisco do. 2005. “Memória, dor e ressignificação”. *Revista de Estudos Criminais*, 5(18): 25–29.

STEIL, Carlos Alberto. 2008. “Prefácio”. In: T. Csordas (org.), *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.